



nº 11 - dezembro de 2013

## **O método Oswaldradino: uma leitura pela lente da análise institucional e da teoria da implicação**

*Ricardo Baitz\**

### **RESUMO**

Propõe-se discutir o método de Oswald de Andrade a partir dos vestígios encontrados em sua obra plural, que inclui filosofia, teatro, poesia, romance, ensaios jornalísticos e teses acadêmicas. Emprega-se em tal apresentação o arcabouço teórico da análise institucional, que inclui a teoria da implicação e a transdução, com o objetivo de apresentar horizontes interpretativos que aqueçam o debate da obra desse autor e promovam sua leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oswald de Andrade; Implicação; Transdução; Filosofia messiânica

### **ABSTRACT**

The article discusses the method of Oswald de Andrade, crossing drama, poetry, literature, essays, journalistic and academic theses. Using the institutional analysis, theory of implication and the transduction method, it explains new horizons to discuss the author and his works.

**KEYWORDS:** Oswald de Andrade; Implication; Transduction; Messianical philosophy

---

\*Professor Doutor em Geografia Humana. Faculdade de Tecnologia de São Caetano do Sul - FATEC SCS, São Caetano do Sul, SP, Brasil, ricardo@baitz.com.br

## Introdução

Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades. Como poucos, eu amei a palavra Liberdade e por ela briguei (ANDRADE, 1990b, p. 32)

José Oswald de Souza Andrade nasceu aos 11 dias de janeiro de 1890 em São Paulo, uma cidade com aproximadamente 1.385.000 habitantes, que cheirava a cavalos e era movida por carroças, rodeada por chácaras e animais. Morreu aos 64 anos de idade, em 1954, em uma São Paulo bastante diferente, com quase 10 milhões de habitantes, cheirando a fumaça de automóveis e indústrias. Atravessou o Oceano Atlântico por sete vezes e se fez casado em outras quatro ocasiões. Envolveu-se com romance, teatro, poesia, e há registros que indicam seu interesse pela política, cinema, universidade, rádio e circo, indistintamente. Vasco Zigue, a respeito da formação de Oswald, menciona que ele

(...) teve uma vida agitadaíssima, de lutas e mais lutas. Passou um importante período na França, quando estava no auge a luta pelo modernismo. Amigo pessoal de vultos como Picasso, Cocteu, Cendrars, Jules Romains, Léger, e muitos outros, escrevendo muito bem em francês, facilmente poderia ter feito literatura na Europa. (apud ANDRADE, 1990a, p. 167)

Personalidade desconcertante, viveu grandes feitos e produziu uma obra considerada polêmica e que permanece, de certo modo, incompreendida. Sobre sua personalidade, Antonio Candido menciona que

Oswald escandalizava pelo fato de existir, porque a sua personalidade excepcionalmente poderosa atulhava o meio com a simples presença. (...) como se andando pela rua Barão de Itapetininga ele pusesse em risco a normalidade dos negócios ou o decoro do finado chá-das-cinco (CANDIDO, 1970, p. 74)

Dentre as críticas mais contumazes a esse autor, costuma-se afirmar que sua abertura a diferentes áreas (teatro, romance, poesia, filosofia) e temas (matriarcado, caipira, linguagem, índio, valores sociais, amor, etc.) o faz ser superficial. Uma segunda crítica recorrente considera o aparente egocentrismo de sua produção, que o teria conduzido a produzir uma obra fantástica, mas dotada de pouca materialidade aos olhos do positivismo científico, que apregoa a impessoalidade: sabe-se que alguns fatos não ocorreram exatamente como ele narrou, e o que os registros estão carregados de seu

modo particular de enxergá-los<sup>1</sup>, ou seja, trata-se de uma obra conduzida pela subjetividade (ao invés de objetividade científica). Sobretudo, é um autor que não seguiu as leis homologadas da ciência e *cidadania* instituídas, permanecendo por demais envolvido com seus assuntos, faltando-lhe um precioso atributo: a *neutralidade*.

Diante dessas críticas, sugeriremos um olhar sobre sua obra por meio de outro prisma. Assumiremos que o autor em questão pensadamente afirmou sua produção na não neutralidade e na panorâmica de muitos temas. Faremos o caminho inverso ao de certa crítica instituída, e partiremos de uma indagação: por que Oswald de Andrade, intencionalmente, agiu desse modo? Utilizaremos elementos da Análise Institucional Francesa para justificar que, por detrás de uma suposta superficialidade, há em Oswald - e sua obra - um profundo conhecimento dos métodos científicos considerados *clássicos*, sendo sua obra uma resposta - prática e teórica - aos limites internos dessa concepção, com vista à anunciação de uma nova ética científica.

## 1 Um profundo conhecedor da lógica formal

O percurso que planejamos expor é interno à própria obra de Oswald (não buscamos elementos exteriores para justificá-la, vez que o método dialético repousa no desvendamento das teias internas de um pensamento, incluindo-se suas contradições). Oswald, a respeito de seus estudos superiores, menciona que

Fui matricular-me, em Março, no primeiro ano da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e aí tive uma das piores decepções de minha mocidade. Os veteranos cercaram a mim e a meu colega Inácio Tamandaré Uchoa aos gritos: - Bicho! Dança, bicho! E, fazendo-nos enfiar as calças por debaixo das meias, nos obrigaram a executar evoluções imbecis. Eu trazia outra ideia da Faculdade. Ela dera três grandes poetas ao Brasil: Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo. Era a escola de Ricardo Gonçalves e Indalécio de Aguiar. A valentona imbecilidade daquele grupo do trote criou em mim verdadeira alergia por tudo o que se processasse “debaixo das Arcadas”. (...) Apesar de todas as oficiais reconciliações e palinódias, guardo um íntimo horror pela mentalidade da nossa escola de Direito. Por instinto e depois conscientemente, sempre repeli esse Direito ali ensinado para engrossar a filosofia do roubo que caracteriza o

---

<sup>1</sup> Outro aspecto negativo costumeiramente lembrado é a natureza preguiçosa desse autor: dizem que Oswald tinha predileção por muitos autores, mas não era um leitor sistemático de obras completas. Por isso, mantinha-se atento às grandes personalidades que passavam por São Paulo, à busca de novidades. Delas aproximava-se sem mediações, e com a agudez de um espírito inquieto, perguntava se seria possível que lhe explicasse, em não mais do que cinco minutos, a tese principal que cada um desenvolvera.

capitalismo. Aliás, já nesse tempo eu me declarava anarquista (ANDRADE, 1990, p.59).

Do instintivo ao pensado, sugerimos um trajeto possível: Oswald de Andrade pode ser considerado um Analista Institucional intempestivo; ou seja, um analista institucional *natural*, que antecipou a ciência que hoje é conhecida por Análise Institucional, seus métodos e objetivos. Tal consideração põe relevo ao caráter político - e pensado - da obra do autor: parece-nos indissociável, em Oswald e na Análise Institucional, a posição crítica à cientificidade hegemônica e seus métodos.

A experiência do curso de Direito da Faculdade de São Francisco nunca foi esquecida. Considerava aquele conhecimento petrificado, morto, e desta forma consistia em um alvo recorrente de cólera, como no fragmento da peça *A morta* (1995), quando um juiz é chamado para determinar se o mundo deve ser governado pelos vivos ou pelos mortos:

O Poeta - Sim, meu amor. Os mortos ainda infestam a terra viva.  
Metade da população desta praça é de gente morta. (...)  
Beatriz - O Juiz decidiu...  
O Poeta - O Juiz é um morto também.  
Beatriz - Somos todos mortos!  
O Poeta - Vem para o outro lado! Minha ação heróica e prática te salvará.  
A voz de um cremador - É preciso mudar o mundo!  
A voz de um hierofante [a moral] - É preciso conservar as instituições!  
(ANDRADE, 1995, p. 56-57)

Ou ainda, na peça *O homem e o cavalo* (2001), quando o personagem do médico ensina aos demais:

O médico - Vejo que o caro barão desconhece completamente a história humana. Parece um professor de Direito de 1933. A família é uma instituição que mudou a cada fase nova da sociedade. Para os senhores, naturalmente, a família só podia ser a família coroada de tipo germano-cristão... (ANDRADE, 2001, p. 85)

No *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1995), o autor sintetiza sua luta contra o digressionismo, tão comum aos juristas da época:

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. Engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das idéias.

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos (ANDRADE, 1995, p. 42).

Mas é no Manifesto Antropofágico (1995) que Oswald expõe o idealismo dos juristas e seu fim, com a ironia que lhe é peculiar: “Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o” (ANDRADE, 1995, p. 49).

Frase digna de reflexão, ela põe em xeque os múltiplos sentidos que o verbo comer admite, incluindo-se os que não registrados nos dicionários de nossa língua. Dentre as acepções, inclui-se o engolir e metabolizar, que sugere exterminar a coisa e, contudo, conservá-la dentro de si mesmo, o que repõe o “glutão” em estágio de superação.

Adiante. Se nos anos 1960, na França, a Análise Institucional opunha-se principalmente às ciências sociais instituídas (Sociologia, Filosofia, Direito, Geografia), cabe lembrar que no Brasil, em 1909, a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (atual Faculdade de Direito da USP) era guardiã dos conhecimentos humanísticos da época. Fato que nos conduz a afirmar que a oposição de Oswald à Faculdade de Direito em pleno início do século XX significava muito mais que a negação de um saber parcelar - o jurídico -, e compreendia, muito cedo, em uma visão de mundo - e de ciência - diferente da estabelecida. Visão essa compartilhada pela Análise Institucional e os analistas institucionais *construídos*<sup>2</sup>.

Tal argumento propõe que Oswald, longe de negligenciar os postulados acadêmicos instituídos por seu total desconhecimento, ativamente se pôs a refutá-los sob as suas mais variadas formas, todas conscientes. Não se trata de espontaneísmo. Refutar o instituído: se em juventude isso era um instinto de Oswald, sabe-se que na maturidade foi um ato muito bem pensado, pois esse autor nunca deixou de lançar mão da importância dos estudos em sua carreira, como expõe em entrevista:

- Passamos do tempo em que a pura intuição fazia um artista. Hoje em dia, o estudo possui uma importância fundamental. O escritor tem uma grande responsabilidade, é o guia de uma sociedade, que, portanto, terá que conhecer profundamente (ANDRADE, 1990, p. 169).

---

<sup>2</sup> A história do pensamento institucionalista não divorcia a ciência em dois momentos distintos (anterior e posterior à sua incorporação às Universidades). Por isso, considera-se analista institucional *natural* a manifestação que remonta os fundamentos da Análise Institucional e que, paradoxalmente, não se faça com seu conhecimento dessa ciência, enquanto o termo analista institucional *construído* é empregado a quem pratica a Análise Institucional com conhecimento – pleno ou parcial – dessa ciência.

Ocorre que, diferentemente da grande maioria dos estudantes dessa faculdade, Oswald manteve uma relação viva com os ensinamentos, descobrindo os fundamentos do jurídico e das Humanidades, sem se conformar com sua repetição. Fato que poderia, em si mesmo, ser considerado um grande feito. Mas Oswald esteve além de sua época, pois embora tenha realizado críticas das mais ácidas a essa instituição em toda sua vida, jamais acreditou que o problema confundia-se com a instituição, em si. Por um avanço de escalas, identificou a origem dos males nos fundamentos da sociedade moderna – e do Estado moderno –, tornando o Direito apenas mais um momento infeliz desta tragédia que é a sociedade messiânica, fundada no patriarcado. Por isso, dedicou-se ao confronto entre Matriarcado e Patriarcado, com vistas ao escape histórico que consistiria o Matriarcado Moderno.

Trata-se de um tema que exigiria a redação de outro artigo científico, se o objetivo fosse o de aprofundar seu entendimento. Contudo, apontemos nesse momento, o excelente estudo de Benedito Nunes, indispensável ao entendimento de tema tão complexo. O autor explica que

(...) o Matriarcado inclui determinadas relações de parentesco (...) e de produção (...), correspondendo a relações sociais abertas (sociedade sem classes, incompatíveis com a existência do Estado). É uma forma de orgânica de convivência, mais próxima da Natureza, atendendo aos valores vitais sintetizados na *atitude antropofágica* (...). Como essa atitude é considerada básica, Oswald de Andrade associou o Matriarcado a uma cultura antropofágica, de índole orgiástica ou dionisíaca. Já o patriarcado forma o complexo cultural oposto; nasce do casamento monogâmico, da divisão do trabalho e da apropriação privada dos frutos no esforço coletivo; a sociedade que lhe corresponde é uma sociedade fechada, onde o Estado aparece e começa o ciclo da história como luta de classes (NUNES, 1975, p. 59 e 60).

Ele compreendeu, assim, que o cerne da questão jurídica repousa sobre a forma estatista – algo já denunciado por Engels –, e que a fuga do direito existente se faria pela implementação de uma sociedade calcada em outra ordem, mais espontânea e *orgiástica*. Longe de abarrotar uma crítica severa ao beco sem saída no qual nos encontramos, Oswald se pôs a confiar no gênero humano e apostar em uma saída honrosa: a sociedade matriarcal evoluída, ato que o faz figurar entre os dialéticos positivos para uns e entre os românticos para outros. Curioso é perceber que mesmo

seus críticos concordam tratar-se de um autor acima da média, acima do binarismo e da falta de invenção que domina nossa época.

## 2 Um analista que para não desistir das instituições, as modifica

Dialético positivo, Oswald sempre acreditou nas instituições, mas a seu modo. Reinventava o que não lhe parecia adequado, dando novas cores e formas vivas àquilo que antes estava *morto*. Eis o provável motivo de sua insistência no matrimônio, e conseqüentemente, sua não conformidade às instituições da época. Ser casado quatro vezes soa, até os tempos atuais, um descrédito a essa instituição. Não para Oswald: amava demais as mulheres com quem enamorava para, descoberto outro amor, manter relações paralelas. Por isso, ao invés de manter uma esposa e amantes concomitantemente, preferia separar-se e viver outro amor, sempre de forma oficial, ainda que usando dos limites do direito da época<sup>3</sup>. Em termos simples, não existia para Oswald uma definição do que seria o casamento, mas uma noção ampla, cujos conteúdos seriam ditados pelo casal. Não se deveria desistir dessa institucionalização, mas propor novas formas - melhores - dessa instituição. Aproveitemos esse momento da discussão para, a partir da noção de casamento, fazer um trocadilho com a noção de casa. Sobre o conceito e seus momentos, eis um argumento precioso:

Entre os momentos do conceito, figura igualmente a atividade prática. O conceito brota dessa atividade, já que é através dela que entramos em contato com o mundo e que o sensível faz parte da prática. E volta a ela, pois o pensamento abstrato, o conceito, tem por “finalidade” e verdade suprema a prática, a ação. Criar e desenvolver o conceito de “casa” é construir casas reais, em seguida, aperfeiçoar essas casas. (LEFEBVRE, 1975, p. 223).

Da casa ao casamento, e do casamento para a casa. Algo que encontra grande respaldo na Análise Institucional, que formula teoricamente que as instituições “estão”, e não “são” uma forma; que elas podem ser reorganizadas de maneiras criativas e diversas, a depender daqueles que a compõem. Tal como Hess apresenta:

---

<sup>3</sup> A proibição jurídica de se realizar um segundo casamento – fato permitido pela legislação daquele tempo apenas quando da morte da concubina - foi, por diversas vezes, contornada pelo casamento no exterior por procuração. Enviavam todos os documentos necessários para que amigos no exterior comparecessem em cartório e fizessem o ato jurídico, criando uma situação embaraçosa em território brasileiro: como não se empatizar com esse desejo recíproco de oficializar uma situação? Por sua vez, como aceitar que as leis nacionais possam ser tão facilmente burladas?

Instituição - Produto da luta permanente entre o instituinte<sup>4</sup> e o instituído<sup>5</sup>, a instituição está em perpétua mudança. Muito tempo atrás, seu movimento histórico passou despercebido. A monarquia do 'direito divino', fazendo referência à Deus, tentou fazer crer na perenidade das instituições. E por muito tempo ela o conseguiu.<sup>6</sup>

Insistimos: aos olhos do presente é possível identificar que Oswald consistentemente acreditou nas instituições e batalhou pelo seu aperfeiçoamento. É o que se exprime quando do seu envolvimento na política (candidato a deputado federal), na Academia Brasileira de Letras (duas vezes candidato), professor universitário (apresentação de duas teses científicas), integrante de diversos movimentos literários e culturais. Adiante. Há uma recusa ao niilismo em Oswald, que propõe uma cruzada épica para salvar aquilo que se encontra em estado de petrificação. Essa é uma pista importante para a compreensão de seu método, que consiste em não abandonar as pessoas e as coisas, mas levá-las até o limite último, esgarçando a membrana e assumindo o risco de seu rompimento. O que nos remete a uma concepção de fronteiras móveis, sempre possíveis de se colocar adiante, como a geografia humana aponta desde longa data.

As formas estáticas o aterrorizavam, e a Faculdade de Direito por demais o ajudou a identificar a imobilidade nos múltiplos momentos sociais. Tornou-se um demolidor, cujo ataque feroz às formas petrificadas não possui o sentido simples de negá-las, mas, sobretudo, de pôr em movimento camadas de sedimentos que muito bem podem ser rearranjadas de outra forma, com outros contornos, para novos conteúdos, bem mais interessantes que os anteriores. Reforçamos, nesse momento, que Oswald desenvolve uma obra com grande consciência metodológica, embora quase nada tenha escrito sobre o método. É Henri Lefebvre quem nos auxilia a entender o expediente de Oswald:

---

<sup>4</sup> “Instituinte - Força de mudança que, na instituição, vem negar o instituído. O instituinte contra o instituído... dialética constitutiva do movimento histórico.” (HESS, 1978, p. 200).

<sup>5</sup> “Instituído - Força de inércia, conservadora na instituição que procura preservar a situação tal como ela é. Frequentemente, viu-se (os juristas em particular têm esta deplorável tendência) as instituições se reduzindo ao instituído. Quando se fala das ‘nossas instituições’, em linguagem jurídica, faz-se referência às leis nas quais, com efeito, constituem-se o instituído. Melhor seria falar de ‘nosso instituído’.” (HESS, 1978, p. 200)

<sup>6</sup> “Institution - Produit de la lutte permanente entre l’instituant et l’institué, l’institution est en perpétuel changement. Longtemps, le mouvement historique est passé inaperçu. La monarchie de ‘droit divin’, en faisant référence à Dieu, tentait de faire croire à la pérennité des institutions. Elle y est longtemps parvenu (HESS, 1978, p. 201).

O verdadeiro escritor conhece a gramática, mas sabe também contornar as regras estritas, de modo a provocar inconscientemente a surpresa do leitor, a incitá-lo; ou, então, de modo a expressar mais adequadamente os sentimentos confusos, complexos, espontâneos, afastados da zona da ideia e das formas elaboradas. Os poetas extraem grande parte dos seus efeitos da *repetição* (...), embora os formalistas da gramática e do estilo proibam essa repetição. (...) (p. 81)

A precisão formal, gramatical, cria a chatice, a monotonia, o tédio (...); e, com isso, a língua não evolui, não se enriquece, a não ser quando rompe a forma gramatical adquirida, quando deteriora as regras estabelecidas. (LEFEBVRE, 1975, p. 82)

O que exala da obra deixada por Oswald é a prática incessante de uma luta contra o formalismo em suas variadas acepções. Com isso, manteve-se distante do eruditismo praticado no Direito – o que conduzia, inevitavelmente, ao idealismo filosófico – e praticou uma erudição – facilmente identificável pela grande quantidade de autores e temas em suas teses acadêmicas, rechaçando conscientemente a classe dos homens de negócios, de quem era herdeiro.

### **3 Um pensamento que pensa a sua atuação: Oswald a partir do conceito de implicação**

Agora podemos desenvolver a tese central deste artigo: Oswald conscientemente aplicava a implicação socioanalítica, embora não tenha formulado teoricamente esse conceito. Consideração que merece alguns passos, ainda que curtos. O discurso jurídico, seja jusnaturalista, seja positivista, se faz mergulhado na retórica e na razão formal. Ele parte da distinção e a ela retorna, girando muitas vezes sobre um oco que jamais é preenchido, pois importa ao jurista convencer a outra parte – e não se aproximar da realidade. É, sobretudo, a aplicação de uma retórica de um sujeito presunçoso a um pretense objeto cativo – incluindo-se nessa condição as pessoas a quem se dirige a palavra. No plano científico, trata-se de um idealismo filosófico, que nos termos de Lefebvre (1975), é potente por elevar abstratamente o conhecimento a proposições até então desconhecidas, mas insuficiente para a compreensão da sociedade moderna e a modificação da realidade. Oswald rapidamente descobriu que esse discurso retórico era resultado de uma acepção de ciência que conduz a aprisionar seu oponente e submetê-lo a uma ordem imensa de constrangimentos. Ao seu modo, refutou a relação de distanciamento entre sujeito e objeto, formulada para a proteção do sujeito pesquisador, que durante o período de atividade profissional deve vestir o avental *neutro* de cientista.

Oswald pôs-se a pensar a partir de sua própria experiência, contrastando-as com as prescrições dadas pelos livros científicos, repondo a escrita em outro patamar: o da contradição pensada.

Fatigados de cultura. Fatigados de sabença. Reagindo. Não nascemos para saber. Nascemos para acreditar. Sem pressa, a não ser a do nosso instinto que é excelente, quase maravilhoso. (...) Não acha você uma pura delícia, depois da gente ter metido o nariz em Kant e vomitado a Renascença como um mal xarope, atingir por todas as vias respiratórias do espírito, tamanha placidez cerebral? Pois o nosso cérebro precisa é de um banho de estupidez, de calinada bem nacional, brotada dos discursos das câmaras, dos comentários da imprensa diária, das folhinhas, enfim, de tudo quanto representa a nossa realidade mental. O resto é desarmonia quando não é falsidade (ANDRADE, 1990, p. 22).

O ápice desse movimento implicado, arriscamos a anunciar, consiste no livro coletivo *O perfeito cozinheiro das almas desse mundo* (ANDRADE, 1992). Trata-se de um diário coletivo, redigido pelos frequentadores da *garçonnière* de Oswald entre maio de 1918 e setembro de 1919. Lembremos, a esse propósito, que o diário de pesquisa, na Análise Institucional, é um dos instrumentos mais importantes de uma pesquisa por permitir ao pesquisador – e ao público interessado na pesquisa – revisitar seus maiores temores, suas reais intenções para com o objeto, etc. É o instrumento que rompe com a pesquisa-produto, apresentada ao público somente sob a forma acabada, já polida e retificada, sem arestas e pontas que possam contundir os leitores. No *perfeito cozinheiro*, tudo é visceral, até mesmo a morte da Miss Cíclope, que desencadeará a autorreflexão de Oswald aos seus 29 anos acerca do patriarcado e seus desdobramentos no mundo atual.

Diferentemente do positivismo científico que alicerçava a ciência instituída em sua época, Oswald relativizou a noção de sujeito e objeto, e colocou-se em posição de seu próprio objeto de análise, confundindo a figura do pesquisador e seu objeto, ensejando um ar estritamente moderno: a do pintor que usa do artifício de um espelho para se registrar em sua tela. O pintor pode, assim, tornar-se um elemento da paisagem, e discutir como sua presença interfere no real, fazendo a ciência oficial adentrar um novo estágio de questionamentos: aqueles sobre a implicação.

E o que é o conceito de implicação, senão essa proximidade - consciente - do sujeito com seu objeto, esse envolvimento com o outro que retira a distância criada artificialmente pelo método formal? Eis o que ensina Hess, a propósito da implicação:

“No sentido de implicar-se, a palavra implicação reenvia a uma forma de comportamento do pesquisador que tenta romper a distância instituída entre ele e seu objeto” (1978, p. 199)<sup>7</sup>.

A essa noção primeira de implicação, cabe um aprofundamento para seu desdobramento segundo: o pesquisador que se aproximar de um objeto também deve, compulsoriamente, iluminar e abrir franco questionamento sobre sua relação. É exatamente o que o cientista tradicional não faz: isolado do objeto, ele não se pergunta por que estuda, qual é a relação com ele, e tampouco o sentido e direção da ciência que pratica, vez que isso lhe é um pressuposto apriorístico. O pesquisador implicado faz, desse campo cego da ciência, sua aventura, pois ele não assume seu mandato social de cientista, senão com uma ordem de perturbações a serem desembaraçadas (ou que lhe embarquem ainda mais, pois o verdadeiro aventureiro sempre corre o risco de perder-se em sua aventura). Ambos cometem crimes em seu ofício, mas o cientista clássico geralmente não os percebe, enquanto o pesquisador implicado se confessa e, ao seu modo, salva sua alma<sup>8</sup>, mediante uma autocrítica pública, com vistas a que os demais reflitam sobre suas práticas. Enquanto o texto científico clássico inconscientemente apologiza a higiene e a beleza, o texto implicado traz a tona uma ordem de sujeira científica quase impossível de se aceitar por quem conserva juízo de valores. A neutralidade se inverte: é preciso que o leitor se torne neutro, vez que o autor assume e revela seus distúrbios, fornecendo elementos vivos para que o leitor possa se posicionar<sup>9</sup>.

Na obra de Oswald espanta o fato de até mesmo os personagens possuírem consciência interna e externa. Serafim Ponte Grande, personagem principal da obra que leva seu nome, é posto ininterruptamente em xeque por Pinto Calçudo, coadjuvante inusitado que aos poucos ganha espaço no texto, cativando o leitor. Até que, no capítulo

<sup>7</sup> Lourau (2004, p. 83) complementa, ao afirmar que “A análise organizacional define a posição do sociólogo-especialista em termos que significam distanciamento em relação ao objeto. A análise institucional, ao contrário, contrapõe a implicação do analista a tal distanciamento. (...) A implicação deseja pôr fim às ilusões e imposturas da ‘neutralidade’ analítica, herdadas da psicanálise e, de modo mais geral, de um cientificismo ultrapassado, esquecido de que, para o ‘novo espírito científico’, o observador já está implicado no campo da observação, de que sua intervenção modifica o objeto de estudo, transforma-o”.

<sup>8</sup> Referenciamos-nos a Karl Marx e ao seu *Critica ao programa de Gotha* (2012), texto em que o autor finaliza com a frase em latim *Dixi et salvavi animam meam*, que pode ser traduzida livremente ao português enquanto “Disse e salvei a minha alma”.

<sup>9</sup> O tema é complexo. O leitor neutro deve ser tomado enquanto aquele que não se escora em valores morais para a leitura do texto. Face à escrita não neutra, ele é convidado a tomar uma postura ativa, inquieta, quase incômoda, e a posicionar-se. Rompe-se com isso a passividade, que mais tarde será o tema da obra de Guy Debord (1991) quando de seu *A sociedade do espetáculo*.

“Interpretação de Serafim e a definitiva quebra de relações com Pinto Calçudo”, Oswald apresenta um tórrido diálogo:

-Venha cá...

-Agora não posso. Estou com famílias.

Mas Serafim insiste; dirige-lhe atrás dele o reservado dos homens e grita-lhe:

-Diga-me uma coisa. Quem é neste livro o personagem principal? Eu ou você?

Pinto Calçudo como única resposta solta com toda a força um traque, pelo que é imediatamente posto para fora do romance. (ANDRADE, 1975, p. 193)

Como realizar uma leitura neutra diante de tamanho escândalo? A montagem, que é um romance, com suas intencionalidades, é posta a nu com o propósito de explicitar que a experiência não é apenas prática: ela busca uma teoria, que o vivido busca uma interpretação, o pensado.

Nos textos filosóficos, Oswald aplica duas técnicas distintas: por vezes ele se insere no contexto (“VOCÊ – Queria que esclarecesse o sentido da palavra ‘humanista’. EU – O humanismo é sempre uma cultura da liberdade que traz no bojo o individualismo econômico. (...)” ANDRADE, 1990, p. 55) e, como lhe é mais comum, afirma veementemente, causando incômodo ao leitor, que se faz obrigado a refletir sobre a leitura, como pode ser ilustrado pelo trecho a seguir:

No mundo supertecnizado que se anuncia, quando caírem as barreiras finais do Patriarcado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim do seu longo estado de negatividade, na síntese, enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico. Sobre o Faber, o Viator e o Sapiens, prevalecerá então o Homo Ludens. À espera serena da devoração do planeta pelo imperativo do seu destino cósmico (ANDRADE, 1990, p. 106).

Oswald, ao romper a passividade da leitura, assinala um avanço às concepções *neutras e objetivas* de ciência. Ao propor um escritor que se apresenta integralmente, também reivindica um novo leitor (e por consequência, novas formas de leitura), capaz de perceber que não se trata de um simples ataque à neutralidade e objetividade existentes, e sim de os ressituar socialmente, mediante uma nova neutralidade (que inclui articular o autor enquanto uma peça não neutra da análise) e uma nova objetividade (que desconfia da objetividade clássica, acrescentando o aspecto subjetivo

de qualquer análise). Proposição que muitos ainda ignoram ao reduzir esse esforço a uma simples confusão, teórica e procedimental.

Muitas críticas que foram desferidas a Oswald não observaram esse novo ângulo *intencional* de sua obra e de seu ser. Candido nos explica que é impossível dissociar a vida e a obra, quando da análise de Oswald de Andrade, pois ambas estão fundidas:

Um escritor que fez da vida romance e poesia, e fez do romance e da poesia um apêndice da vida, publica as suas memórias. Vida ou romance? Ambos, certamente, pois em Oswald de Andrade nunca estiveram separados, e a única maneira correta de entender a sua vida, a sua obra e estas *Memórias*, é considerá-las deste modo (CANDIDO, 1990, p. 15).

Assim, quando um personagem de Oswald se banha e perfuma antes de ir ao prostíbulo, onde enamora a mais bela das moças até ser conduzido ao quarto (em clima quase romântico), onde a atmosfera é interrompida por uma exclamação ácida e violenta (“-Não precisa tirar as botinas!” ANDRADE, 1999, p. 98), o que se faz é um relato verídico de uma experiência de juventude do próprio Oswald (ver a “confissão”<sup>10</sup> na página 65 de *Um homem sem profissão* (ANDRADE, 1999b), e também sua obra literária *Os condenados* (ANDRADE, 2003) ), posta a público para catarse. Mas catarse de quem? Do autor audaz ou da sociedade a qual esse autor pertence? E quantas catarses foram necessárias até o aparecimento de sua obra mais perfeita sobre o tema - *O santeiro do Mangue* (ANDRADE, 1992)? É Oswald de Andrade que justifica sua virulência, em carta a Edgard Cavalheiro:

Ser contra determinada moral ou estar fora dela não é ser imoral. Atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante não é de modo algum ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação e dignas operações de limpeza, principalmente na era do caos, quando a vasa sobe, a sublitteratura trona e os poderes infernais se apossam do mundo em clamor (ANDRADE, 1990, p. 79).

Expediente que encontra, desde longa data, grandes resistências na ciência e na literatura instituídas. Lembremos que a experiência pessoal sempre foi algo combatido nas ciências, dado seu caráter supostamente subjetivo, o que impediria a propensa - e

<sup>10</sup> Questionado por um jornalista se o livro autobiográfico conteria todas as confissões, sem omissões, Oswald se apressou em responder: “-Não. (...) Faço omissões. Escrevo somente aquilo que teve importância na minha formação intelectual. Escrevo tudo aquilo que vem explicar a minha filosofia. Filosofia de antropofagia.” (ANDRADE, 1990a, p. 239)

necessária - neutralidade do autor. Em Oswald ocorre o contrário. E ele não o faz com intenção de tornar-se herói, em autoelogio às suas façanhas. Escreve sem exibicionismo ou egocentrismo, apenas descrevendo uma forma diferente de se posicionar face ao mundo, e às instituições, como Hess menciona quando da obra autobiográfica:

Toda escrita, dentro da produção institucionalista, é ao mesmo tempo uma escrita autobiográfica. Falando das instituições, falo também de mim e de minha relação com as instituições. Paradoxalmente, todas as nossas produções teóricas se tornam autobiográficas no momento em que autobiografia, no sentido tradicional, se torna impossível (HESS apud Rodrigues, 2003, p. 100).

Sendo um ser à procura de suas próprias explicações, Oswald produziu uma obra de autocrítica, cujo valor consiste em uma relação aberta com o mundo, de um ser disposto, por um lado, a somar novos olhares sem que tenha que abandonar suas conquistas, e por outro, a manter certa coerência interna, evitando o ecletismo.

#### **4 A autocrítica e o ser mutante: metamorfoses de um pensamento**

A posição antidogmática explica como foi possível um mesmo autor partir do acolhimento do homem natural (*Poesia Pau Brasil*), adentrar ao comunismo (segundo prefácio de *Serafim Ponte Grande*) e avançar na proposta filosófica em que consiste *A Antropofagia*, sem abandonar as conquistas mais importantes das fases anteriores. Trata-se de uma obra cujo sentido é o da evolução por superação contínua, embora o sentimento seja o de revisitarmos o mesmo lugar, mas de pontos de vista mais elevados, o que aproxima sua figura a de um andarilho subindo uma montanha em espiral. O trabalho minucioso de Mário da Silva Brito (1972) narrando *As metamorfoses de Oswald de Andrade* possui essa perspectiva: a de apresentar um autor-obra que cresce aos solavancos, incorporando elementos da fase anterior em detrimento a outros que são abandonados por lhe prenderem a um ciclo superado. Ele faz a abolição de alguns termos, conservação de outros e a incorporação de novos termos com um único sentido: o de superar a si mesmo e se colocar adiante, em um esforço arrebatador para se permanecer moderno<sup>11</sup>, ou jovem:

---

<sup>11</sup> “Na verdade, Oswald foi muito mais que a mais característica e dinâmica figura do movimento modernista. Foi a encarnação integral dele. Foi também seu último abencerragem.” (BRITO, 1972, p. 124).

-Nós nascemos velhos - diz Oswald de Andrade, constantemente. - À medida que os anos vão passando, nós vamos rejuvenescendo, porque deitamos fora os preconceitos, as ideias feitas, as coisas herdadas. O pensamento não é meu, é de Supervielle. Ouvi-o do poeta, certa vez em Paris (ANDRADE, 1990, p. 160).

O defeito crasso da crítica formulada pelos positivistas é o de não reconhecer que por detrás desse desapego às formas instituídas não está o ecletismo científico, e sim o que pode ser classificado por *antidogmatismo*. Oswald era adepto de movimentos, e ao perceber a estruturação – e paralisação do movimento – não hesitava em abandonar, e tudo recomeçar, sobre novas bases, valendo-se da aprendizagem passada.

Enquanto o cientista burguês trata de esconder sob o tapete seus erros, Oswald os expunha sem pestanejar. Sobretudo porque compreendia que aquele era seu passado, devidamente superado, cujos erros não cometeria outra vez. É assim que descreve seu “sentimento de culpa” a um repórter:

-Em 1930, arriamos a bandeira. É que surgiram o que eu chamo os “Búfalos do Nordeste”, trazendo como cornos a questão social. Arriamos a bandeira, esmagados por uma espécie de sentimento de culpa: nós representávamos, embora inconscientemente, uma mentalidade capitalista exploradora. Não éramos capitalistas. Nem eu nem Mário éramos industriais. Mas sofriamos a ambiência, éramos impulsionados a realizar um certo tipo de pesquisa que nada tinha em comum com o problema social do resto do país. Vivíamos, em verdade, das sopas do capitalismo. Paradoxalmente, entretanto, abrimos caminho para uma coisa que não existia até então entre nós: uma literatura de pobre (ANDRADE, 1990, p. 222).

Mudar de opinião, em Oswald, era a demonstração prática da potência de um pensamento que se supera, o que o tornava um homem de fronteiras, no dizeres de Henri Lefebvre:

Nas condições do mundo moderno só o homem à parte, o marginal, o periférico, o anômico, o excluído da horda (..) tem uma capacidade criadora. (...) O que tem mais oportunidades de criar obras não seria o homem das fronteiras? (...) O homem das fronteiras suporta uma tensão que poderia matar outros: ele está ao mesmo tempo dentro e fora, incluído e excluído, sem, por isso, dilacerar-se. Vivida, essa contradição se acrescenta a todas as que esse homem descobre. O homem das fronteiras segue veredas que inicialmente surpreendem, tornam-se depois caminhos, para por fim passarem por evidências. Ele caminha ao longo dos divisores de águas e escolhe a via que vai em direção ao horizonte. Às vezes passa ao longo das terras prometidas, sem entrar nelas. Essa é a sua prova. Sempre vai para outras terras, para o horizonte dos horizontes, de momentos em momentos, até

vislumbrar as linhas longínquas de um continente inexplorado. Descobrir é a sua paixão. Só pode caminhar de descoberta em descoberta, sabendo que para avançar é preciso vencer uma necessidade de aprofundar o saber, que lhe sugerisse parar aqui ou ali... (apud ANDRADE, 2006, p. 227).

O novo interessava a Oswald, que não opunha preconceitos à sua aceitação. Nos dias atuais, é quase hilário saber que esse autor se aproximou do marxismo por um mero convite:

-Conte como foi que você aderiu ao comunismo?  
-Por culpa de Patrícia Galvão. Ela fizera uma viagem a Buenos Aires, onde realizou um recital de poesia. Voltou com panfletos, livros e uma grande novidade:  
- “Oswald, tem o comunismo... Conheci um camarada chamado Prestes. Ele é comunista e nós também vamos ficar. Você fica?”  
- “Fico.” (ANDRADE, 1990, p. 234).

Tão simples quanto “ficar” comunista, foi Oswald deixar de sê-lo. Bastou o recrudescimento das ideias, e que aquilo que era um movimento se fixasse, transformando os ideais em dogmas. Oswald não hesitou em abandonar o Partido Comunista, embora uma vez provado do marxismo, jamais abandonasse as ideias principais de Marx.

## 5 À procura de uma classificação: um materialismo mágico ou fantástico

Heterodoxo, Oswald combinou Marx com Freud ao seu próprio modo, pois não adotou as teorias da escola de Frankfurt. Outrossim, pôs-se a combinar elementos do homem natural (e não o primitivo) à sociedade do seu tempo, fazendo emergir a ideia de uma revolução cujo personagem histórico seria o bárbaro *tecnizado*, conforme sua dialética geral:

1º termo: tese - o homem natural  
2º termo: antítese - o homem civilizado  
3º termo: síntese - o homem natural tecnizado  
Vivemos em estado de negatividade, eis o real. Vivemos no segundo termo dialético da nossa equação fundamental (ANDRADE, 1995, p. 103).

Oswald desenvolveu aquilo que se pode chamar de materialismo fantástico: uma crítica materialista na qual o devir histórico não se encontra condicionado pela história, mas aberto a possibilidades. Afinal, a história é uma tendência a certa finalidade,

cabendo aos homens realizá-la ou não. Abandonar a história da civilização e injetar seus benefícios à história sabotada do homem natural é ação das mais utópicas, mas nem por isso impossível de se realizar.

## **6 Uma crítica infra e ultrarracional: a transdução**

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Brush estudar (ANDRADE, 1995, p. 48).

Os termos dialéticos poucos ortodoxos da proposição de Oswald saltam aos olhos dos dialéticos dogmáticos, por não se tratar de uma dialética hipotético-dedutiva (ou indutiva), contida na obra de Marx ou de Hegel, e esse é um ponto a explorarmos.

É bem provável que Oswald não tenha lido sistematicamente a obra de Marx e de Hegel, o que não significa que tenha passado ao largo das grandes questões marxistas e hegelianas, em especial aquelas que envolvem o pensamento, o conhecimento e a superação. Era leitor de autores como Henri Lefebvre, a quem faz referência em entrevistas e também em suas teses acadêmicas. E por isso é quase certo que empregava plasticamente o procedimento dialético, e não mecanicamente, tal como se faz largamente na atualidade. A dialética - e o pensamento - em Oswald não se confunde com a razão formal. Ele não recusa o pensamento lógico formal, mas interpreta que há estados inferiores e superiores do pensamento que merecem ser incorporados ao ofício dos pensadores. A consciência em Oswald não é o emprego simples do cérebro, mas o uso de todos os sentidos. Por isso, o autor menciona que “O maior dos absurdos é por exemplo chamar de inconsciente a parte mais iluminada pela consciência do homem: o sexo e o estômago. Eu chamo a isso de ‘consciente antropofágico’ ” (ANDRADE, 1990a, p. 51).

E, para nossa confusão (será?), ele expõe, em seu *Poesia Pau Brasil*, que “Aprendi com meu filho de dez anos / Que poesia é a descoberta / Das coisas que eu nunca vi” (ANDRADE, 1990, p. 99).

Como combinar o pensamento infantil com o consciente antropofágico do sexo, despertado no mundo adulto? Ousemos uma proposição bastante provocativa: um modo de superar essa aporia é compreender que é possível, a partir da linha que determina o chamado pensamento racional, encaixar o pensamento infantil em sua retaguarda e aquilo que Oswald denomina por consciente antropofágico, em sua vanguarda. Situação

que permitiria afirmar, sem embaraços, que “A lógica formal é um dos momentos da razão”<sup>12</sup> (LEFEBVRE, 1975, p. 169) e apenas um desses momentos, não se confundindo com a razão em si. Com isso teríamos uma nova linha, bem mais longa que a anterior, que melhor exprimiria o espectro do pensar e suas possibilidades. Dentre elas, o emprego de instrumentos lógicos *além* e *aquém* da indução e dedução clássicas, o que abre caminho para a *transdução*.

A transdução é a passagem de um elemento a outro, sem as mediações contidas nos instrumentos formais da indução e dedução. Em Piaget, é um estágio infantil do pensamento, vez que pode resultar em um modo fantasioso de vislumbrar o mundo. É um risco. E também uma possibilidade, pois como explica Lefebvre:

A transdução. É uma operação intelectual que pode ser realizada metodicamente e que difere da indução e da dedução clássicas e também da construção de ‘modelos’, da simulação, do simples enunciado de hipóteses. A transdução elabora e constrói um objeto teórico, um objeto possível, e isto a partir de informações que incidem sobre a realidade, bem como a partir de uma problemática levantada por essa realidade. A transdução pressupõe uma realimentação (feedback) incessante entre o contexto conceitual utilizado e as observações empíricas. Sua teoria (metodologia) formaliza certas operações mentais espontâneas do urbanista, do arquiteto, do sociólogo, do político, do filósofo. Ela introduz o rigor na invenção e o conhecimento na utopia (LEFEBVRE, 1991, p. 108).

Eis a “mágica” na dialética Oswaldradina: ela compatibiliza o estágio infantil com o *supra-racional*, fazendo emergir o materialismo fantástico, já citado. Não é de se admirar que o mesmo autor tenha empreendido poesias em duas direções tão opostas: *Primeiro Caderno de Poesias* (ANDRADE, 2006) é quase infantil, enquanto suas *Poesias Reunidas Oswald de Andrade* (1978) ressoam um empreendimento de grande escala, em franca alusão às Indústrias Reunidas Matarazzo daquela época.

Adiante, pois agora detemos diversos elementos acerca do método Oswaldradino para propormos a pergunta que nos parece fundamental: afinal, a quem Oswald de Andrade mobilizou tamanho conhecimento? Ou, em outros termos, a quem o escritor endereçava sua obra?

<sup>12</sup> Com certo abuso, é possível dizer que Oswald, ao dialogar acerca do silogismo lógico (premissa maior, premissa menor, conclusão), faz o poeta sentenciar: “Essa lógica tem servido de fundamento a todos os crimes históricos.” (ANDRADE, 1995a, p. 55).

## Encaminhamentos: provocações Oswaldradinas

A Análise Institucional é uma contra-ciência, que, face ao conhecimento oficial, arma-se do contra-saber periférico (todo e qualquer conhecimento deliberadamente negligenciado pelas ciências “oficiais”) para postular a ciência do possível (HESS, 1978). Por isso, ela rompe com os estatutos científicos oficiais, que pregam a organização da sociedade - e da academia - em castas e o respeito às hierarquias. Oswald, um demolidor de instituições fadadas ao fracasso, bem poderia ser um analista institucional, pois ao seu modo partilhou da importância de se pensar o mundo a partir da periferia - fosse sobrepondo o Brasil à Europa, fosse elegendo o boêmio face ao homem industrial, seja apostando na superação da civilização pelo caipira (esse bárbaro tupiniquim, que desconhece a troca, mas conhece a dádiva e o dom).

Oswald não estudou a Análise Institucional, mas em seu tempo desenvolveu pensadamente vários procedimentos dessa contra-ciência, a iniciar pelo debate quente que é momento privilegiado da análise.

Sobretudo, o que une Oswald à Análise Institucional é uma concepção de ser humano muito simples, e também muito cara. Em seus projetos, o homem simples - seja criança, adulto, ou idoso - é capaz de pensar e se sobrepor ao discurso do especialista, fadado a apreender apenas uma dimensão estreita da realidade: o trecho do segmento da corda chamada de pensamento que pode ser intitulado por “razão formal”. Esse segmento existe, mas é apenas um segmento, um fragmento que sugere um todo, muito mais rico.

A aposta na alegria, conquistada no infra e ultrarracional, conduziria a humanidade a um novo patamar, abolindo a tradição ocidental do herói e seus grandes feitos, que conduzem a identificar no cotidiano uma mesmice, e em sua ruptura, a única possibilidade de se viver esplendorosamente. É Henri Lefebvre quem relaciona essa abordagem com uma visão materialista mágica de mundo:

Os piores idealistas são os que querem viver segundo a “essência” do amor, ou da justiça, ou do pensamento. Que é o amor, por exemplo, fora e além dos múltiplos eventos, aparentemente insignificantes, da vida cotidiana? Um amor que se quer “essencial” e que se manifesta apenas em “grandes circunstâncias” é um amor inumano, ressecado, que nada traz para o ser amado; e, tanto mais ele é assim “essencial”, tanto mais é interior e secreto, tanto mais é exterior à vida. É *na vida cotidiana* que se devem realizar as grandes ideias e os grandes sentimentos; devem *retornar das profundezas ocultas da essência ao*

*humilde detalhe da vida; e é precisamente esse o sentido da prática na qual deve se realizar o ideal (LEFEBVRE, 1975, p. 221).*

Em Oswald e em Henri Lefebvre, o homem comum pode pensar a partir de suas próprias experiências, sem delas desistir, e realizar um projeto filosófico maior que o confiado às ciências especializadas, pois ele atingiria o estágio de metafilosófico. Sem desistir do cotidiano, antes se reconciliando com ele, o homem comum pode dar cabo a uma tarefa unificadora que consiste em costurar todos os pedaços separados pelas ciências atuais. Como exposto a seguir por Lefebvre:

Eis porque nossa época sente profundamente a necessidade de uma atividade unificadora, de um método de superação dos conhecimentos dispersos. Trata-se, para nós, de reunir racionalmente, lucidamente, a prática e a teoria, o objeto e o sujeito, a realidade e o “valor” do homem, o conteúdo e a forma do pensamento, a ciência e a filosofia, todos os elementos da cultura. Uma tal unificação - que não deve ser imposta de fora, mas provir dos próprios elementos, de modo racional, e portanto, livre, ou seja, segundo uma necessidade interna compreendida e dirigida - reclama métodos novos, uma lógica ao mesmo tempo rigorosa e flexível, que se mantenha *ao nível* do trabalho do pensamento científico, sem por isso se contentar em registrar passivamente as técnicas e os resultados das ciências separadoras (LEFEBVRE, 1975, p. 79).

Trata-se de um projeto ambicioso, cujo único pressuposto é uma confiança irrestrita no que resta de humano no bicho chamado homem. Projeto coletivo, que considera a dissolução das especialidades e seus especialistas, bem como o alargamento dos horizontes dos sentidos, inclusive da razão. Enfim, trata-se do reconhecimento que o homem não é um dado histórico, mas aquilo que ele faz a si mesmo. O método Oswaldradino é o apelo a tudo que escapou à razão formalista, pois o que escapa está aquém e além da razão formal, embora a inclua. São os elementos que impulsionaram o projeto de um novo homem e de uma nova ciência. Adiante.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas II* – Memórias sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. *Poesias reunidas O. Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

- \_\_\_\_\_. *Os dentes do dragão: entrevistas*. São Paulo: ed. Globo, 1990a.
- \_\_\_\_\_. *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*. São Paulo: Ed. Globo, 1990b.
- \_\_\_\_\_. *Poesia Pau-Brasil*. São Paulo: ed. Globo, 1990c.
- \_\_\_\_\_. *Ponta de lança*. São Paulo: ed. Globo, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O santeiro do mangue e outros poemas*. São Paulo: ed. Globo, 1992a.
- \_\_\_\_\_. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. São Paulo: ed. Globo, 1992b.
- \_\_\_\_\_. *O rei da vela*. São Paulo: ed. Globo, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A morta*. São Paulo: ed. Globo, 1995a.
- \_\_\_\_\_. *A utopia antropofágica*. São Paulo: ed. Globo, 1995b.
- \_\_\_\_\_. *O homem e o cavalo*. São Paulo: ed. Globo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Os condenados*. São Paulo: ed. Globo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Primeiro caderno de poesias*. São Paulo: ed. Globo, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: ed. Globo, 2007.

BRITO, Mário da Silva. *As metamorfoses de Oswald de Andrade*. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura/Comissão de Literatura, 1972.

CANDIDO, Antonio. Prefácio inútil In ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe*. São Paulo: Ed. Globo, 1990.

CHALMERS, Vera Maria. *3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Mobilis in mobile, 1991.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Oswald: itinerário de um homem sem profissão*. Campinas: ed. Unicamp, 1989.

FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: o homem que come*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. *Oswald de Andrade: biografia*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

HESS, Remi. *Centre et Périphérie*. Toulouse: Edouard Privat, 1978.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

\_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. São Paulo: ed. Moraes, 1991.

LOURAU, René. *A Análise Institucional*. Tradução Mariano Ferreira - Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. *Implication-Transduction*. Paris: Ed. Economica/Anthropos, 1997.

\_\_\_\_\_. *Le Lapsus des intellectuels*. Paris: Reflexion Faite Privat, 1981.

MARX, Karl. *Crítica ao programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

RODRIGUES, H.B.C. *Do Arrependimento dos Intelectuais ao Triunfo da Rosa*. Análise Institucional francesa, Estado e Direitos Humanos. Psicologia em Revista. Belo Horizonte: PUC/MG, vol. 9, nº 13, jun/2003.

*Data de submissão: 23/07/2013*

*Data de aprovação: 30/09/2013*